

ESCRITORES DA LIBERDADE: UMA ANÁLISE DO FILME À LUZ DA CONCEPÇÃO DE CURRÍCULO

Sérgio de Freitas Oliveira

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão a respeito da concepção de currículo a partir da análise do filme *Escritores da Liberdade*. Um currículo expressa um projeto de homem e de sociedade, podendo promover a inclusão ou a exclusão, dependendo da forma como é desenvolvido. Há que se destacar, aqui, a importância fundamental do papel do professor: suas convicções, a forma como se coloca no meio em que atua, como enxerga o aluno. No filme, o sucesso da professora ilustra, de modo exemplar, a importância de um trabalho construído com base no conhecimento da realidade, ancorado nas convicções, na determinação e na ousadia da professora, que transgride para romper com a mesmice impregnada na tradição escolar.

Palavras-chave: Currículo; prática de ensino; papel do professor; inclusão.

1 INTRODUÇÃO

Para a realização desta tarefa de conclusão da disciplina *Organização Curricular e Legislação Brasileira*, do Curso de Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional, com ênfase em Educação Especial e Educação Inclusiva, foi solicitado aos alunos que assistissem a um filme e, à luz da teoria de currículo, fizessem uma análise da situação relatada na obra.

Entre os títulos sugeridos, optei pelo filme *Escritores da Liberdade*. Assisti a ele no ano passado e me impressionou tanto que trabalhei com ele nas aulas no Curso de Pedagogia – Estágio de Docência e Estágio de Supervisão Escolar. Ele nos permite sérias reflexões sobre a prática no interior das nossas escolas.

2 O FILME: UMA PEQUENA RESENHA

Escritores da Liberdade é um filme construído a partir de fatos reais, baseado no *best-seller* “O Diário dos Escritores da Liberdade”, que relata a história de uma professora recém-formada, cheia de sonhos e ideais, ao começar o exercício profissional numa turma do ensino médio do Colégio Wilson, a turma 203, como era conhecida.

O filme enfatiza a importância do papel do professor no meio em que atua.

A professora, Erin Gruwell, é impactada pelo choque da realidade. O magistério não era como havia imaginado. Sua turma era complexa e difícil, heterogênea, formada por gangues e alunos de etnias diversas, em constante conflito e envolvidos em brigas violentas.

Chocada com a realidade de violência, desmotivação e discriminação, decepcionada, poderia ter posto um ponto final na sua carreira, se demitindo, ou simplesmente tendo se transferido para outra escola.

Determinada, mesmo diante do desinteresse dos alunos, da indisciplina, ela não desiste e procura um meio de trabalhar com eles, de atingi-los, de sensibilizá-los, uma vez que o método

tradicional não os atingia. Ela combate um sistema deficiente, lutando para que a sala de aula fizesse a diferença na vida daqueles estudantes.

Partindo das características dos alunos, de sua realidade de vida, procura fazê-los se interessar pela sua matéria, inglês e literatura.

A partir de um desenho de um aluno, recupera o fato histórico que marcou a vida da humanidade: a discriminação e a morte de judeus, o holocausto.

A professora elabora um projeto para que seus alunos, com todas as suas dificuldades, lessem “O Diário de Anne Frank”. Propôs que, após a leitura, eles fizessem o seu próprio diário, contando o que quisessem sobre suas vidas, seus sentimentos, suas angústias, seus pensamentos, sua história, seus sonhos. Como a biblioteca da escola não se dispunha a emprestar livros para aqueles alunos, por achar “bobagem, desperdício de recursos”, a professora conseguiu dinheiro para comprar livros para eles. Ao ler suas produções, seus diários, ficou estarecida e convencida de que não poderia desistir deles.

A professora não contava com o apoio da diretoria da escola, da coordenação, dos outros professores.

Agia por conta própria e dava um jeito de angariar recursos para as viagens culturais.

Na culminância do projeto de leitura d'O Diário de Anne Frank, a professora propôs um trabalho final, que consistia em escreverem uma carta para a Sra. Miep Gies, que havia protegido Anne Frank na vida real, contando a ela o que acharam do livro. Empolgados com a atividade, resolvem enviar as cartas e angariam fundos para as despesas para poderem estar pessoalmente com ela.

A partir desse projeto, estudando a história do holocausto, a turma superou seus problemas, passando de guetos a uma família sem preconceitos e feliz.

Ao saberem que não teriam a professora com eles nos anos seguintes, temendo voltarem a ser como antes, procuram as autoridades educacionais para reivindicar a autorização para que ela lecionasse para eles, o que conseguiram depois de grande esforço.

O filme nos mostra a convicção da professora no trabalho e a crença que tinha no potencial daqueles alunos, excluídos pela escola e pela sociedade. Envolveu-se pessoalmente no projeto, doou-se em busca da qualidade do

ensino e das relações entre professores e alunos. Sensibilizou-os, acabando por contribuir para a mudança de suas vidas, imprimindo significado às suas existências.

Os alunos, além de se sentirem parte integrante do processo de aprendizagem, colaborando com ideias para as aulas, começaram a assumir a vida, fazendo escolhas que fazem a diferença. Destaca-se aí o papel do educador como agente de transformação no ambiente em que atua.

O filme nos remete a uma reflexão profunda sobre a realidade das nossas escolas, muitas vezes marcada pela falta de apoio dos professores, dos dirigentes e das autoridades educacionais.

A escola deve ser um ambiente acolhedor, comprometida com a superação do fracasso escolar. Os educadores, além do referencial teórico, devem promover ações que possibilitem ao aluno ser sujeito ativo no processo ensino-aprendizagem.

Nesse contexto, a coordenação pedagógica exerce um papel político-pedagógico e de liderança fundamental na busca da construção de uma nova escola, demandada pelos novos dias.

3 OS CURRÍCULOS PRESENTES NO FILME

Inicialmente, cumpre considerar que um currículo escolar não é neutro, ele é construído em função de um projeto de homem e de sociedade. Segundo Giusta (2000, p. 48), “há uma íntima ligação entre o currículo e o projeto de socialização a ser realizado, o que transparece em seus conteúdos, no formato e nas práticas que são criadas e recriadas indefinidamente”.

Para a autora, “a distribuição do poder e os mecanismos de controle social estão refletidos no currículo por meio da elaboração, seleção, distribuição, transmissão e avaliação do que é considerado saber escolar legítimo” (p. 48).

No filme, estamos diante de uma escola tradicional, estruturada no modelo clássico, centrada numa proposta *a priori*, que desconsidera a diversidade do corpo discente. Há nela a preocupação com a reprodução de um modelo elitista, incompatível com o tipo de aluno que constituía a turma 203, uma turma que destoava do padrão e da tradição da escola. Uma turma problema, da qual nada se podia esperar,

formada por marginalizados socialmente, que não poderiam sair do lugar em que se encontravam. As portas jamais poderiam se abrir para eles, pois estavam condenados a permanecer na marginalidade.

De acordo com Santos (2000), caberia um questionamento numa situação como a que o filme e a realidade muitas vezes nos apresentam: “Se as crianças não aprendem o que a escola ensina, não seria esse fato decorrente da inadequação dos próprios currículos escolares?” (p. 54).

O que vemos com frequência e vários estudos comprovam “o currículo atua nos processos de exclusão escolar” (SANTOS, 2000, p 55). Dependendo do projeto implantado numa escola, mesmo que de forma velada, a estrutura funciona como mecanismo de legitimação do saber e do poder de que a classe dominante é detentora, não possibilitando que os excluídos ascendam e se transformem. E isto fica claro no filme: para aqueles alunos tudo não vale a pena, é desperdício de tempo e de recursos. Nem mesmo os livros da biblioteca poderiam ser emprestados.

E os cursos de formação de professores sempre estiveram a serviço dessa ideologia. Os egressos das

universidades eram preparados para ingressar no mercado de trabalho para serem reprodutores do modelo previamente estabelecido, legítimo. O sistema recebia quem “coubesse” e se encarregava de fazer a seleção, a exclusão, por meio das desistências, das reprovações, das transferências e de tantos outros mecanismos responsáveis por dificultar a permanência de alguns alunos no sistema.

Para Santos (2000, p. 58), “[...] a falta de compreensão e a desvalorização da cultura do aluno têm-se mostrado uma das causas centrais do fracasso escolar”.

Segundo Grignon (1992) *apud* Santos (2000, p. 58),

[...] as pedagogias legitimistas, ao criarem a ilusão de que todas as crianças têm, em princípio, oportunidades de ascensão e mobilidade social, que seria conquistada pela posse da cultura autorizada, acabam por excluir os alunos das camadas populares, por desconhecerem o universo material e simbólico vivenciado por essas crianças.

Diante do processo de democratização do acesso à escola, oportunizando cada vez mais o ingresso de alunos das camadas mais desprivilegiadas da sociedade na escola, num movimento de uma pedagogia que

tivesse um olhar diferenciado para a diversidade de alunos, uma mudança começou a ocorrer no processo de escolarização, implicando uma nova visão de ação pedagógica.

Nessa ótica, segundo Giusta (2000, p. 51), o currículo “depende da dinâmica de uma instituição e das experiências nele vividas: será diferente de uma escola para outra, de uma cultura para outra, de um ano para outro, de um grupo social para outro, de uma turma para outra e, assim, indefinidamente”. Assim, segundo a mesma autora, “currículo é, sobretudo, uma práxis” (p. 51). É uma estrutura que se compõe na prática, construindo-se no processo de sua concretização.

No filme, a professora encontrava-se numa encruzilhada: do jeito que as coisas estavam não era possível caminhar, era “malhar em ferro frio” – não dava para insistir, porque nenhum resultado seria alcançado e as tensões só aumentariam. Nesse momento, a professora para tudo, rompe com o paradigma vigente e “arrisca tudo” numa proposta diferente, heterodoxa. Olhando o grupo com o qual trabalhava, atenta às suas

particularidades, muda a metodologia de trabalho. É o começo do sucesso.

Segundo Bourdieu (1998) *apud* Santos (2000, p. 56), “deve-se procurar melhorar a eficácia do processo de transmissão, pela diversificação dos métodos de ensino”. É nisso que consiste o currículo integrado, “supõe ruptura com as formas tradicionais de ensino, exigindo trabalho coletivo e criatividade” (p. 57).

A professora, mesmo sem contar com o apoio dos dirigentes da escola e dos colegas, inicia uma nova dinâmica na sua sala de aula e começa fazendo os alunos se enxergarem como grupo e não como adversários e rivais. Com uma dinâmica realizada em sala, leva os alunos a verem que têm mais em comum do que imaginam. Eram excluídos e se excluía. Trabalha com eles a sua identidade como grupo, o seu pertencimento, situando-os. A partir desse momento, por sensibilizar os alunos, atingi-los no seu interior, começa a ser viável a realização do seu intento.

A professora assumiu uma postura transgressora, enfrentou o sistema, mostrando que currículo não pode ser um planejamento inflexível e infalível. Conforme lemos em Giusta

(2000, p. 51), “nem os objetivos, nem os conteúdos, nem a metodologia, nem a avaliação, nem mesmo os materiais didáticos podem ser submetidos a determinações prévias inarredáveis”.

Numa situação de enfrentamento, a professora se colocou numa posição delicada, pois, por contrariar as disposições institucionais, acabou por despertar resistências e gerar insatisfações em seus pares e seus superiores. A transgressão e a ruptura com o modelo posto mexeram com as estruturas, desestabilizaram as relações. Como afirma Giusta (2000, p. 53), “[...] as vaidades, as disputas, os conflitos de interesses [...], a inércia e o conservadorismo de certos educadores e alunos são obstáculos a enfrentar”.

O ideal seria que mudanças pudessem ser feitas com mais naturalidade, que projetos pudessem ser implementados sem tanta resistência, que os profissionais pudessem ousar mais – responsavelmente, é claro – buscando melhores resultados com o trabalho que realizam.

Para isso, no entanto, seria desejável que se pudesse contar com “estruturas administrativas flexíveis, canais móveis pelos quais as pessoas pudessem transitar [...]” (GIUSTA,

2000, p. 53). Destacamos, então, com a autora, “a importância da função do dirigente, para não só garantir novos arranjos de tempos e espaços institucionais como também apoiar, efetivamente, experiências concretas de inovação curricular” (p. 53).

Erin Gruwell ousou, transgrediu, enfrentou todos os desafios. Poderia ter sucumbido, como muitos sucumbem. Poderia ter assumido uma posição mais cômoda, no entanto, acreditou e, graças à sua competência, à sua convicção, à sua postura firme diante dos alunos e das autoridades escolares, conseguiu sucesso no seu empreendimento.

4 A LÓGICA DA AÇÃO PEDAGÓGICA DA PROFESSORA

Analisando a ação da professora, depreendemos o modelo de currículo que ela adotou com a turma 203: o currículo integrado.

Segundo Santos (2000, p. 57),

o currículo integrado busca trabalhar com situações contextualizadas, integrando conhecimentos de diferentes áreas. [...] O ensino parte de uma situação ou problema prático nos quais os alunos trabalham, integrando conhecimentos de diferentes áreas, para solucioná-los.

Nesse modelo de currículo, os estudantes trabalham com conteúdos culturais relevantes, ultrapassando os limites de discussão de uma única disciplina. O ensino se dá em torno de problemas reais e questões práticas, que estimulam a curiosidade dos estudantes para a formulação de respostas criativas e inovadoras. O ensino ultrapassa o esquema disciplinar rígido, muitas vezes com pouco ou nenhum significado para os alunos, em que o professor deve cumprir um programa em cada disciplina, em cada série, em cada etapa letiva, acima e apesar de tudo ou de qualquer coisa.

Mais do que acumular informações, memorizar regras e aprender maneiras de resolver problemas de Matemática, Física ou Química, desenvolver competências é o grande desafio dos currículos e da escola. Segundo Perrenoud (2000) *apud* Santos (2000, p. 59), a competência consiste na “capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiando-se em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles”.

Para que se possa construir essa competência, Perrenoud (2000) *apud* Santos (2000, p. 60) recomenda

um ensino baseado na solução de problemas, no desenvolvimento de projetos e na adoção de um contrato didático em que o professor valorize a cooperação entre os alunos, aceite os erros como parte do processo de aprendizagem e incentive a experimentação. Para trabalhar nessa perspectiva, o professor deve adotar um planejamento flexível, uma vez que, para desenvolver competências, o mais importante é trabalhar com um pequeno número de situações fecundas, do que abordar, de forma superficial, um grande número de assuntos, com a preocupação de vencer os programas escolares.

Para os educadores críticos, “os alunos devem adquirir conhecimentos e desenvolver diferentes habilidades intelectuais, valores morais e atitudes em relação aos diferentes problemas da realidade” (SANTOS, 2000, p. 60).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizarmos esta análise e entendermos o *happy end* do filme, poderíamos destacar os “Quatro Pilares da Educação”, tão bem marcados ao longo da obra e na ação pedagógica da professora protagonista de *Escritores da Liberdade*.

5.1 Aprender a aprender

A professora se coloca diante daquele grupo de alunos, desafiada. Não havia receita. Ou melhor, a receita que existia não funcionava com eles. Era preciso construir uma forma de agir que pudesse surtir efeito – com aquele grupo, não com qualquer grupo ou com todos os grupos, como queriam os dirigentes escolares, ao perguntar a ela se o que havia feito com eles daria certo com as próximas turmas.

5.2 Aprender a fazer

Para poder ajudar o aluno, a escola precisa aprender a fazer diferente, adaptando-se aos novos contextos, aprendendo a lidar com a diversidade. É preciso sair da lógica industrial da linha de produção, da produção em série.

5.3 Aprender a conviver

É um grande desafio da escola e da sociedade construir um novo homem para fazer frente à existência de preconceitos. Para isso, precisamos de uma educação mais aberta ao diálogo e

ao desenvolvimento do espírito crítico,
ao processo de formação de um homem
disposto a viver e trabalhar numa
sociedade solidária.

5.4 Aprender a ser

Agindo dessa forma, a escola
pode contribuir para o desenvolvimento
total da pessoa: com pensamento
autônomo e crítico, capaz de decidir por
si mesma e agir diante dos desafios da
vida.

REFERÊNCIAS

GIUSTA, Agnella da Silva. Construção
de uma concepção de currículo. In:
**Programa de Capacitação de
Diretores** – PROCARD. Belo
Horizonte: Secretaria de Estado da
Educação de Minas Gerais, 2000.

LAGRAVENESE, Richard. **Escritores
da Liberdade**. [S. l.]: Paramount
Pictures, 2007. 1 video-disco (122
min.): color.

SANTOS, Lucíola L. P. Dilemas e
controvérsias no campo do currículo. In:
**Programa de Capacitação de
Diretores** – PROCARD, Secretaria de
Estado da Educação de Minas Gerais,
2000.